

Análise da conversação em uma entrevista: interação entre falantes

Inti Queiroz¹

Juliana Zanelato²

Katiene Oliveira³

Resumo

Neste ensaio buscaremos desenvolver um estudo de análise da conversação e a interação entre falantes, a partir de uma entrevista realizada com um informante designado pelo curso de Introdução aos Estudos da Língua Portuguesa. Analisaremos o processo interacional ocorrido entre os participantes da entrevista. Esta análise será desenvolvida através de trechos da transcrição da entrevista realizada para o estudo e a importância da análise da troca de turno para o processo interacional. Outros importantes pontos serão desenvolvidos como: proximidade social dos interlocutores, fatores extralingüísticos como gestos, e principalmente a questão da aproximação dos interlocutores durante a entrevista. As entrevistadoras são duas alunas do curso de letras e o entrevistado um dos professores do curso de letras, que também é músico.

Palavras-chave: *Análise da Conversação, Sociolingüística Interacional, Música*

A diversidade lingüística funciona como um recurso comunicativo nas interações verbais do dia-a-dia no sentido de que, numa conversação, os interlocutores – para categorizar eventos, inferir intenções e apreender expectativas sobre o que poderá ocorrer em seguida – se baseia em conhecimentos e estereótipos relativos às diferentes maneiras de falar.

John Gumperz.

¹ Graduanda do curso de Letras habilitação em Lingüística e Português pela FFLCH/USP (Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo).

² Graduanda do curso de Letras habilitação em Francês e Português pela FFLCH/USP (Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo).

³ Graduanda do curso de Letras habilitação em Italiano e Português pela FFLCH/USP (Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo).

1. Introdução

A proposta inicial do trabalho era realizar uma entrevista com um falante culto, de nível superior, nascido ou habitante da cidade de São Paulo. Dentre as opções oferecidas, de falantes cultos a serem entrevistados, escolhemos o Professor L. T., que chamaremos a partir de agora de entrevistado ou L1, devido ao trabalho desenvolvido no departamento de Lingüística do Curso de Letras da Universidade de São Paulo, bem como pelo seu trabalho como músico e compositor. A entrevista foi realizada na sala do próprio professor entrevistado durante um dia letivo da Universidade, imediatamente após ministrar uma de suas aulas da disciplina Semiótica.

Para a análise da entrevista utilizaremos o seguinte glossário para as normas de transcrição:

()	Incompreensão de palavras ou segmentos.
(hipótese) -	Hipótese do que se ouviu
/	Truncamento
MAIÚSCULA	Entonação enfática
:::	Prolongamento de vogal ou consoante.
- -	Silabação
?	Interrogação
...	Qualquer pausa.
((minúscula))	Comentários descritivos
-- --	Comentários que quebram a seqüência temática da exposição;
[Superposição, simultaneidade de vozes.
(...)	Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto.
“ ”	Citações literais de textos, durante a gravação.

O objetivo principal deste estudo era analisar a interação ocorrida entre os três falantes participantes da entrevista, para isso, um dos elementos inicialmente acordados para

o desenvolvimento do trabalho realizado pelo grupo seria fazer com que a entrevista tivesse um aspecto de uma conversa. Desde a criação das perguntas, até a metodologia utilizada para a aplicação destas perguntas, todo o processo foi construído para que a entrevista tivesse um tom de conversa e que esta buscasse como fator de estudo transformar-se em uma conversa informal.

A entrevista foi agendada com duas semanas de antecedência, diretamente com o professor, durante uma de suas palestras num congresso de semiótica ocorrido na USP em outubro de 2007. No período entre o agendamento da entrevista e a entrevista em si, formulamos dez perguntas, que serviriam como base para a entrevista proposta.

Chamamos os participantes da entrevista de:

L1: Entrevistado, 56 anos, professor do Departamento de Lingüística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, graduado em Música e Lingüística pela Universidade de São Paulo.

L2: Entrevistadora direta ou principal, 34 anos, Produtora Cultural, graduanda do curso de Letras, habilitação em Lingüística e Português da Universidade de São Paulo.

L3: Entrevistadora indireta, 24 anos, graduanda do curso de Letras, habilitação em Inglês e Português da Universidade de São Paulo.

Para a gravação da entrevista utilizamos uma câmera digital, que possibilitou a gravação da imagem do entrevistado e também do áudio da conversa entre os três falantes. A duração total da entrevista gravada foi de trinta minutos, porém neste estudo utilizaremos apenas alguns trechos transcritos para analisar e evidenciar alguns pontos importantes para nossa pesquisa.

A utilização da imagem também auxiliou para a análise gestual ou do que Gumperz chamou no texto que integra o livro “Discourse Strategies”, de pistas não-vocais, como direcionamento do olhar, distanciamento (ou aproximação) entre interlocutores, postura e gestos.

2. Análise

A título de análise podemos dizer que, “nós falamos com os órgãos, mas é com o corpo que nós conversamos” (Urbano, 1990:64). O entrevistado apresenta diferentes posições de partes do corpo durante a entrevista. No início parece tímido, e até um pouco

desconfortável com a situação. Sorri diversas vezes para a câmera. Parece estar ciente da filmagem como uma entrevista formal. Estas manifestações corporais denunciam a tensão inicial, onde os braços se apresentaram próximos ao corpo e as mãos pouco gesticulam. Podemos observar um maior relaxamento após os primeiros minutos da entrevista, onde seus braços estão apoiados sobre o encosto da cadeira e suas mãos gesticulam com maior frequência, demonstrando uma menor inibição perante a câmera e também perante as duas entrevistadoras do que pareceu no início no início da entrevista.

A fim de apreender o sentido de conversa neste artigo, alguns teóricos definem o ato da conversação como produto do desenvolvimento entre, no mínimo, dois indivíduos, de uma “atividade interpessoal face a face” (Fávero, Andrade e Aquino, 1998:91) contextualizada, em que “fazem parte os entornos espaço-temporal e sócio-histórico que unem os participantes” (Idem). Podemos entender que, para o sucesso no estabelecimento de uma conversa – minimamente um diálogo –, faz-se necessária a busca e aproximação de motivações semelhantes entre as pessoas em questão. Uma vez firmada, a comunicação desenvolvida entre indivíduos poderemos entender como uma relação de alternância de idéias, onde seus interlocutores mantêm a contínua adaptação do diálogo em atenção ao que necessita seu correspondente.

Tal colocação pode confirmar-se exatamente no início da entrevista, onde podemos verificar que a entrevistadora L2, busca intencionalmente gerar um vínculo anterior com o entrevistado. Para isto, intencionalmente a entrevista não é iniciada com uma pergunta formal e sim com uma conversa. Quando a entrevistadora L2 menciona um encontro anterior, onde ela mesma teria feito uma pergunta a ele durante uma palestra do entrevistado, cria-se um clima intencional de descontração e interação imediata:

(início da gravação)

L2 (então pra) começar até falar que a gente vai falar sobre esse assunto não sei se você vai lembrar disso

[

L1 tá

[

L2 *éh:::* cê fez uma palestra cê deu uma palestra no Sesc Pompéia

[

L1 *ahn*

[

L2 pro projeto Alta Voltagem ... que era u.ma palestra em São Pa:ulo ... aí tinha uma mulecada ali na choperi:a ... aí eu até te f/ eu tava lá por acaso

[

L1 *ahn*

[

- L2 porque eu faço uns trabalhos no Sesc Pompéia e até te fiz uma pergunta que é parecida com esse tema aqui (cê) num vai lembrar
- [
- L1 a:hn
- [
- L2 com certeza que eu perguntei
- [
- L1 esse ano?
- [
- L2 ah eu sou aluna da Letras
- [
- L1 esse ano?
- L2 é:h
- L1 ah ent/ é:h foi um negócio de papo pipoca num é isso?
- [
- L2 é:h o papo pip/ pipoca
- [
- L1 ahn eu lembro sim
- [
- L2 exatamente isso
- [
- L1 lembro sim
- [
- L2 e eu até no dia eu () até () vou fazer uma pergunta pro Tatit
- [
- L1 ((sorriu))
- [
- L2 porque ele vai ser meu professor um dia
- [
- L1 ((sorriu))
- [
- L2 vou perguntar
- [
- L1 (sei)
- [
- L2 e:: tem a ver com essas:/ com essa entrevista
- [
- L1 certo
- [
- L2 eu acho né? então assim voltando um pouqui::nho no tempo
- [
- L1 aham

O trecho acima demonstra a intenção da entrevistadora L2 de tornar a entrevista desde o início mais informal do que uma entrevista habitual a um professor que supostamente deveria ser hierarquicamente superior às duas entrevistadas. Apesar de L2 iniciar a entrevista com a menção a um encontro anterior entre os dois, o entrevistado inicialmente parece não se recordar do fato, mas após algumas pistas sobre o ocorrido, parece lembrar-se do fato e a entrevista começa após esta conversa introdutória.

Outra indicação de que a interação entre os falantes se desenvolveu desde o início em um tom de conversa e não exatamente de uma entrevista formal, refere-se à questão da

troca de turno, assunto que também desenvolveremos neste estudo. A inclusão de colchetes ([]) entre as falas demonstra uma superposição ou uma simultaneidade de vozes.

A escolha dos temas abordados e das perguntas feitas ao entrevistado, também buscaram mostrar um aspecto de conversa à entrevista aplicada. Falar sobre música e lingüística como temas principais, assuntos em comum aos três participantes, aproximou os interlocutores durante a entrevista e a cada pergunta a entrevista tomou um tom mais informal. O trecho que introduz a segunda pergunta já evidencia este início de aproximação entre os falantes:

(...) que era uma coisa que eu conhecia bem ... trabalhava com aquilo ... gostava de... refletir sobre a linguagem da canção e tal e daí acabou sendo meu objeto de pesquisa e mestrado e doutorado livre-docência ... quase que todo o... a carreira universitada () cave/ carreira universitária foi feita sobre esse objeto ... então a re/ a relação é essa ... a canção se tornou objeto de pesquisa ... essa foi a relação...

L3 então ...

[

L1 mas NUNca o que eu ti/ o que eu conheço teoricamente teve alguma participação ((toca firmemente a palma da mão esquerda na mesa)) na na hora de compor isso não tem nada a ver uma coisa com a outra

L2 éh essa na verdade era até a segunda

[

L1 éh ... por isso que eu já respondi ((sorrindo))

[

L2 pergunta né ()

[

L3 ((sorriu)) já matou

[

L1 éh

[

L2 cê acha que ... que acha que uma atividade

[

L1 ah

[

L2 acabou influenciando a outra

[

L1 *nãh* ... não ... o que há:: assim ... eu já respondi muitas vezes essa questão ...

Convém lembrar que a entrevista em questão baseia-se em uma conversação triádica, em que não existe a fixação de regras, “nem seleção prévia do sucessor e o locutor L3 pode tomar a palavra sem que esta lhe seja dirigida”, (Fávero e Aquino, 2002:160). Um dos participantes também pode, neste caso, manter-se à parte sem que haja alterações no desenvolver da conversação, de modo que em alguns momentos há o prolongamento do silêncio de um dos participantes, no que se verifica o desenrolar da conversa dentre os

demais; o grupo alternaria o dever da cooperação, no intuito de sustentar a conversação. Ainda tratando da questão de termos três falantes na conversa, “esta terceira pessoa é um tipo de destinatário que pode ser chamado de indireto” (Brait, 2003: 229). Ainda que L3 não tivesse uma participação direta na entrevista “todos os destinatários de uma mensagem, mesmo aqueles que o são apenas indiretamente (“unaddressed”) desempenham um papel importante no desenvolvimento da interação [...]” (Brait, 1990:227).

Um dos motivos que nos levou a utilizar a gravação das imagens do entrevistado foi para verificarmos a questão do olhar avaliativo. Durante diversos trechos da entrevista é possível verificar o olhar avaliativo do entrevistado, buscando compreender melhor se sua resposta estava realmente respondendo as necessidades das entrevistadoras e ao mesmo tempo, buscando entender melhor o intuito da entrevista.

“A questão do olhar avaliativo [...] acaba conferindo aos interlocutores a competência avaliativa, permite observar um evento interacional a partir de determinados aspectos que, dependendo da ausência ou da presença, caracterizam níveis de organização e tipos diferentes de interação”(Idem).

Após os dez primeiros minutos de entrevista podemos perceber que este olhar avaliativo do entrevistado parece mais natural e não tão questionador. O entrevistado também parece mais a vontade diante da câmera e das entrevistadoras.

Além da importância das pistas não-vocais na interação, outro ponto que devemos observar é a questão da informalidade a partir do tema sugerido. O tom informal já pode ser percebido não apenas por pistas não-vocais, mas pela linguagem ainda mais informal utilizada pelos três interlocutores. Logo no início do diálogo, a entrevistadora L2 salienta que os temas principais da entrevista seriam a música e a lingüística, temas que o entrevistado detém total domínio. A sugestão inicial dos temas ao entrevistado pressupõe um relaxamento deste diante um possível questionário desconhecido.

É importante observarmos o uso de pronomes de tratamento *Senhor* e *Você* pelas entrevistadoras como recursos de aproximação e distanciamento com o entrevistado. A entrevistadora principal L2 utiliza o pronome de tratamento *você* durante todo o diálogo buscando a aproximação com o entrevistado conforme estratégia inicialmente acordada para o estudo. A outra entrevistadora L3, em contrapartida, utiliza *Senhor* para dirigir-se ao entrevistado. O nível de relação entre as entrevistadoras e o entrevistado pode ser considerado de níveis diferentes. Se analisarmos a situação social anterior à entrevista,

podemos dizer que: a entrevistadora L3 já foi aluna do entrevistado, e, portanto podemos considerar que ambos já interagiram em diversas ocasiões. A entrevistadora L2, no entanto, tem uma relação de menor grau com o entrevistado, pois até o momento da entrevista ainda não fora sua aluna, conforme ela mesma deixa claro no início da gravação. A utilização destes pronomes, ao contrário do que o grau de relação entre os interlocutores poderia sugerir, indica que o nível sociocultural das interlocutoras e a diferença de idade entre as mesmas diferenciam a relação com o entrevistado. L2, a entrevistadora mais velha do que a entrevistadora L3 e com maior experiência no mercado de trabalho, demonstra que pretende aproximar o entrevistado ao tratá-lo por *você*, enquanto que L2, a entrevistadora mais nova e com menor experiência profissional, só consegue usar a forma de tratamento *senhor* ao dirigir a palavra ao entrevistado.

Outros fatores poderiam interferir na questão da in/formalidade da situação: a preparação do ambiente, a presença das entrevistadoras, o gravador (neste caso a câmera digital), o contato que antecedeu o encontro, a consciência por parte do entrevistado de que o objetivo do encontro, da perspectiva da instituição de pesquisa que o programou, era observar a linguagem de pessoas consideradas usuárias da norma culta. Porém o entrevistado demonstrou naturalidade ao responder as questões e deixou que esta tivesse o clima de conversa informal em diversos trechos da gravação como podemos observar no trecho abaixo:

(...) então ...mas eu não sinto necessidade de ... de compor ... eu gosto depois que a coisa tá pronta que apresenta que vira disco ... daí eu eu ... me entusiasmo né...

[
L3 então num tem aquela coisa de ... inspiraÇÃO::que a pessoa fa::la ...

[
L2 (exacerbada que)...

[
L1 (talvez) tenha gente que tenha eu num tenho muito isso é mais ... é mais ... (é) eu eu poderia viver muito bem sem faze ...(né) ... mas faço porque ... tem vantagens até () atividades (você) precisa diversificar um pouco sua atividade (porque) num dá pra vive de universidade ... ((risos))...então você precisa também ter outra atividade JÁ que eu tinha facilidade com isso comecei a lida com isso também ...(pra) se não não dá nem pra:: .. pra viVE::né ...(...)

Apesar de esta pesquisa buscar mostrar que uma entrevista tivesse um tom de conversa informal, nossa análise posterior não pode confirmar que tenha realmente sido um *bate-papo* conforme planejado. A conversação espontânea é a “conversa que não sofreu qualquer tipo de planejamento (temático ou lingüístico) e, que ocorreu na ausência

de observadores, não participantes da atividade da fala” (Castilho, 1996:230). Poderia parecer incoerência o fato de uma entrevista se encaixar como uma conversa como uma conversa espontânea, porém a entrevista em estudo apresenta propriedades típicas de conversas espontâneas, como: sobreposição de vozes, assalto a turnos, etc.

De acordo com os estudiosos da Análise da Conversação a conversa espontânea não é uma atividade caótica, sem regras, entretanto cada sociedade possui sua regra diferenciada de outras para que o evento conversacional possa ser efetivado ou concluído com sucesso.

Para ocorrer o entendimento entre falante e ouvinte – ou interlocutores – é necessário haver um princípio básico que Sacks, Schegloff e Jefferson (1974) analisaram em diversos estudos: qual seria o mecanismo de troca de turno na conversação. De acordo com os autores, turno “engloba tanto o direito que cada um dos interlocutores da conversação tem de tomar a palavra, como a fala construída no momento em que cada um dos interlocutores tem a palavra” (Silva, 2005:53).

Em estudos realizados sobre conversações espontâneas, algumas características são válidas em qualquer atividade para a tomada de turno:

- a troca de falantes deve ocorrer
- fala um de cada vez
- mais de um falante por vez é comum, porém deve ser breve.
- a ordem, a duração e o tamanho não são fixos, mas variáveis.
- a extensão da conversação, o que cada falante dirá e a distribuição dos turnos não são fixa nem previamente especificada.
- o numero de participantes é variável
- a fala pode ser continua ou descontinua
- são usadas técnicas de atribuição de turno
- são empregadas diversas unidades construtoras de turnos (lexema, sintagma, sentença, etc.).
- alguns mecanismos de reposição resolvem falhas ou violações nas tomadas de turno

No diálogo em estudo podemos perceber em diversas passagens que a questão da troca de turno amplia ou diminui a interação e também gera, em alguns momentos, um aumento de tensão entre os falantes para a posse do turno. Principalmente nos momentos onde observamos o assalto de turno por parte do outro interlocutor. É possível observar a

ocorrência de assalto de turno em diversos trechos do diálogo. O assalto ao turno é marcado pelo símbolo indicador de sobreposição de vozes, o colchete entre as falas dos interlocutores:

(...)
 L3 *Achou* foi aquela canção da/ do festival do Sesc não foi ?
 [
 L1 da TV Cultura é
 [
 L3 teve no Sesc
 [
 L1 o festival foi da Cultura
 [
 L3 deu polêmica né aquel
 [
 L1 isso
 [
 L3 eu lembro
 L1 ela ela tinha tudo pra te vencido né dai acabou ficando em segundo lugar MAS a que ganhou era boa também
 [
 L3 (foi) uma pena ah
 L1 a que ganhou era muito boa... era uma canção interesSANte assim que eu tinha ouvido pela televisão tinha gostado muito dessa
 [
 L3 que foi o Doradiotto né não foi?
 [
 L1 isso o filho dele né o o Danilo e e o Danilo em parceria com um rapaz que chama Ricardo (se eu não me engano)
 [
 L3 mais ainda assim eu me lembro que... deu polemi
 [
 L1 não o público no dia achou sem dúvida
 [
 L3 eu tava no dia eh

A troca de falantes ocorre de acordo com a presença (passagem) ou ausência (assalto) de LRT, que “é simplesmente qualquer ponto em que o falante percebe que a construção está possivelmente completa” (Galembeck, 2003:65). Porém no trecho do diálogo transcrito observamos que na maioria dos pontos o assalto ao turno, um outro falante busca complementar a informação, mesmo que o detentor inicial do turno pudesse complementar a informação sozinho.

O acontecimento constante de assalto ao turno em alguns trechos, deveria gerar uma tensão entre os interlocutores, mas a informalidade da situação não gerou uma “tensão competitiva” (Idem), e os dois falantes puderam interagir de maneira natural.

Na passagem de turno simples “a colaboração do outro interlocutor é implicitamente ou explicitamente solicitada” (Galembeck, 2003:83), ou seja, o ouvinte entende que o falante terminou sua fala e chegou a hora de ele (o ouvinte) tomar a vez da palavra. É quando o falante entrega a vez do turno ao ouvinte explicitamente por meio de perguntas diretas ou pela presença do desejo da confirmação do ouvinte. Geralmente são usados os marcadores conversacionais de confirmação como: “entende?”, “né?”, “não é?”. Durante todo o diálogo estudado, tanto o entrevistado quanto as entrevistadoras utilizam os marcadores conversacionais de confirmação para indicar passagem de turno. Ainda assim em alguns trechos acontece o assalto ao turno, mesmo que não gerando tensão entre as partes. O assalto ao turno, em linhas gerais, é uma violação ao primeiro princípio básico da conversação, segundo o qual “cada falante deve falar por sua vez” (Marcuschi, 1986:19), então o ouvinte ira intervir sem que o falante tenha solicitado. O ouvinte interlocutor “aproveita a hesitação do falante para intervir na conversa, utilizando marcas conversacionais de hesitação como pausas, alongamentos, repetições de palavras ou sílabas” (Galembeck, 2003:87). Em outros trechos, o interlocutor entra bruscamente na conversa, assaltando o turno, acarretando numa sobreposição de vozes.

A partir da observação e da análise da entrevista realizada e dos pontos explicitados neste estudo, podemos inferir que a dimensão extra verbal é de grande relevância para a averiguarmos a interação ocorrida entre os falantes e que o que John Gumperz diz sobre pistas não-vocais pode demonstrar efetivamente que o “corpo fala”. O texto oral, além dos aspectos explicitados tem uma dimensão presumida, isto é, “uma dimensão extra verbal que se integra necessariamente ao conjunto textual, participando ativamente da estruturação, da organização e da significação compreendidas pelo evento interacional” (Brait, 2003:234).

De acordo os indicadores de situação de interlocução, a entrevista realizada para este estudo pode ser considerada uma conversa entre pessoas que se conhecem muito pouco; pertencentes a níveis socioculturais similares; com objetivos definidos, em situação pré-estabelecida; com preparação prévia e tema determinado no início da entrevista. De acordo com as características destes indicadores observados, a busca de uma conversa informal não pôde ser totalmente estabelecida, pois delas indicam a necessidade de uma informalidade mesmo que anterior à entrevista. O fato do agendamento anterior já a define como uma entrevista, não como uma conversa espontânea, que poderia ocorrer em qualquer dia e horário não estipulados. Devido a diversos fatores como: a necessidade de

determinarmos uma data e horário para a realização da mesma, estipularmos um tema específico para o diálogo que estivesse sob o domínio do entrevistado, por utilizarmos uma lista de perguntas previamente formuladas para a organização do diálogo e a gravação da imagem de apenas um dos interlocutores como protagonista do diálogo, a intenção de transformarmos a entrevista numa conversa espontânea não poderia ser confirmada.

Para que nosso estudo pudesse comprovar que uma entrevista, ainda que por meio de planejamento prévio, pudesse se tornar uma conversa informal, ou mesmo um *bate-papo* entre recém-conhecidos, alguns importantes fatores deveriam ter sido levados em conta desde o início: a necessidade de não ter se estabelecido qualquer tipo de regra ou pré-acordo com o entrevistado para que esta acontecesse, o agendamento desta já incorre a um diálogo não espontâneo, pois foram estabelecidas regras para que esta pudesse acontecer.

Concluimos que nosso estudo pôde comprovar características interativas da conversação e que foi possível estudar a interação entre os falantes de acordo com os fatos apresentados, porém não pudemos, conforme intenção inicial, comprovar que mesmo que haja aproximação entre os falantes durante o processo. Uma entrevista não poderá transformar-se em uma conversa informal espontânea, no sentido estrito dos termos, conforme relatamos no parágrafo anterior. Ainda que durante e após a entrevista houvesse realmente uma maior aproximação entre os interlocutores, a conversação espontânea, conforme descrevem os teóricos utilizados para desenvolver a análise em questão, não pode ser confirmada. Uma entrevista é sempre uma entrevista, independente de qualquer recurso ou método que se busque utilizar.

Referências Bibliográficas

BRAIT, Beth, “O Processo interacional”. In: PRETI, Dino (org). Análise de textos orais. S. Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 2003.

CASTILHO, A. T (org) Gramática do português falado. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

FÁVERO, Leonor L.; ANDRADE, M.L. C.V. O. & AQUINO, Zilda. G.O. “Discurso e interação: a reformulação nas entrevistas”. In: D.E.L.T.A., Vol. 14, Nº Especial. São Paulo: EDUC, 1998.

FÁVERO, Leonor L.; AQUINO, Zilda G. O. A. “A dinâmica das interações verbais: o trílogo”. In: PRETI, Dino (Org.) Interação na fala e na escrita. São Paulo: Humanitas, 2002.

GALEMBECK, Paulo. “O turno conversacional”.. In: PRETI, Dino (org). Análise de textos orais. S. Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 2003.

GUMPERZ, John. Discourse Strategies. Londres: Cambridge University Press, 1982.

MARUSCHI, Luiz. A. Análise da conversação. São Paulo: Ática, 1986.

MEURER, José Luiz e HEBERLE, Viviane. “Convenções de contextualização”. In: RIBEIRO, Branca T. e GARCEZ, Pedro M. Sociolinguística interacional. Porto Alegre: AGE Editora, 1998.

PRETI, D. Sociolinguística: os níveis de fala, um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira: apresentação de Ataliba T. de Castilho, São Paulo: Editora Nacional, 1977.

SILVA, Luis A. “Conversação: modelos de análise”. In: SILVA, Luis. A. A língua que falamos: português: história, variação e discurso, São Paulo, Ed. Globo 2005.

URBANO, H. e PRETI, D (org). A linguagem falada culta na cidade de São Paulo. São Paulo: T. A. Queiroz Editor Ltda, 1990.